



miguilim

VOLUME 13, NÚMERO 1 | JAN-ABR 2024

AS FIGURAS MITOLÓGICAS JUDAICO-CRISTÃS DE LILITH, DE EVA E DE MARIA NAS *HISTÓRIAS DO RIO NEGRO*, DE VERA DO VAL



THE JUDEO-CHRISTIAN MYTHOLOGICAL FIGURES OF LILITH, EVA AND MARY IN *HISTÓRIAS DO RIO NEGRO*, BY VERA DO VAL

Flávia Tôrres MARTINS
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Cássia Maria Bezerra do NASCIMENTO
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AUTORIA
RECEBIDO EM 24/10/2023 • APROVADO EM 25/03/2024
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v13i1.1213>

Resumo

A mulher na literatura tem várias faces atribuídas ao seu comportamento, sendo escrita, até a atualidade, com marcas da percepção masculina sobre o feminino, por um lado, ao mesmo tempo que mulheres escritoras também tematizam suas experiências. É com inquietação sobre esta condição que o estudo *Faces de Lilith, de Eva e de Maria nas Histórias do Rio Negro, de Vera do Val*, se propõe a analisar as trajetórias femininas das personagens ribeirinhas Das Dores/Saúva, Rosalva e Janete/Giselle, de Do Val (2011), em comparação aos comportamentos e acontecimentos que permeiam as figuras mitológicas

judaico-cristãs de Lilith, de Eva e de Maria, semelhantes às trajetórias de rompimento e subversão (de Lilith), desobediência e castigo (de Eva) e divinização (de Maria). Trata-se de pesquisa desenvolvida em caráter bibliográfico, tendo por norte teórico e metodológico a Literatura Comparada, com Tânia Carvalho (2006); e a Residualidade literária e cultural de Roberto Pontes *apud* Pinilla (2018), nos quais busca-se investigar as figuras femininas que compõem os contos analisados.

Abstract

The woman in literature has many faces attributed to their behavior, being written, to this day, with marks of male perception about the feminine. It is concerned about this condition that the study *The Judeo-Christian mythological figures of Lilith, Eva and Mary in the Histórias do Rio Negro*, by Vera do Val, proposes to analyse the female journeys of the riverine characters Das Dores/Saúva, Rosalva e Janete/Giselle, by Do Val (2011), comparing the behaviours and events that permeate the Judeo-Christian mythological figures of Lilith, Eva and Mary, similar to the trajectories of disruption and subversion (of Lilith), disobedience and punishment (of Eva) and divinization (of Mary). This research is developed with bibliographical character, under the theoretical and methodological guidelines of Comparative Literature, Tânia Carvalho (2006); and the theory of Literary and Cultural residuality, Roberto Pontes *apud* Pinilla (2018), in which it seeks to investigate the female figures that compose the analysed stories.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Literatura amazônica. Trajetórias femininas. Figuras mitológicas judaico-cristã. Literatura comparada. Residualidade.

Keywords: Amazonian literature. Female journeys. Judeo-Christian mythological figures. Comparative Literature. Residuality.

Texto integral

Introdução

A pesquisa *Faces de Lilith, de Eva e de Maria* nas Histórias do Rio Negro, de Vera do Val, tem caráter bibliográfico com investigação das figuras mitológicas judaico-cristãs de Lilith, de Eva e de Maria, a construir estudo comparado sobre as trajetórias femininas das personagens ribeirinhas dos contos de Do Val (2011). A contista premiada, autora da obra objeto desta pesquisa, Vera do Val, utiliza de panorama para suas obras, a natureza amazônica e a cultura popular da região de maneira direta e avassaladoramente real, embora haja elementos místicos que perduram por toda narrativa, oriundos do cotidiano do ribeirinho, principalmente ao tratar de figuras de mulheres presentes neste universo, apesar de pouco ter-se sobre a biografia da escritora, sabemos que sua naturalidade é paulista, radicada em Manaus, cidade na qual vive a mais de uma década.

Com o objetivo de analisar as trajetórias femininas das personagens em *Histórias do Rio Negro*, de Vera do Val, associadas às faces de Lilith, de Eva e de Maria, figuras mitológicas judaico-cristãs de mulheres que carregam os símbolos de transgressão, submissão/ruptura e divindade/santidade, fazemos leituras da Bíblia Sagrada a estudos como Roberto Sicuteri (1985), sobre Lilith. Recorreremos

aos dicionários literários de Brunel (1997), Jean Chevalier (1999), Georges Hacquard (1996), Mário da Gama Kury (2008) e também a Thomas Bulfinch, em *O Livro de Ouro da Mitologia: História de Deuses e Heróis* (2006). Fazemos também estudos de trabalhos acadêmicos sobre as figuras mitológicas judaico-cristãs de Lilith, de Eva e de Maria em estudos comparados, nos trabalhos de Ana Maria Leal Cardoso (2011), com “Deusas, bruxas e serpentes: as faces do feminino na ficção de Alina Paim”; Ester Zuzo Jesus (2015), de “O Possível Entrelaçar do Eterno Mito Feminino: Eva e Lilith em Pandora”. A partir das leituras acima, buscamos demonstrar a presença das diferentes faces femininas, desde a rebeldia e silenciamento de Lilith, passando pelo rompimento de Deus com o homem por Eva e a renovação e santificação da imagem da mulher através da concepção de um salvador da humanidade pela Virgem Maria. Propomos, assim, a partir dos estudos sobre essas faces femininas, investigar as personagens femininas e as figuras masculinas que regem/orbitam no plano de fundo dos contos, como o “rio macho”.

Nosso trabalho de estado da arte trará a compreensão de trabalhos acadêmicos com análises de *Histórias do Rio Negro*, de Vera do Val, como Fabíolla Villar (2021), Márcio Conceição (2021); Juciane Cavalheiro e Rebeca Soares de Lima (2015), “Variável Constante: Entre as Águas dos Rios e as do Rio Negro ou a Sexualidade Verificável nos Contos de Vera do Val”, Jandir Silva dos Santos (2018), em “A Violência Sexual como Resíduo Greco-Romano no Imaginário Ficcional de Vera do Val”; Rossemberg da Silva Freitas e Cássia Maria Bezerra do Nascimento (2015), em “A Face de Lilith em Inês de Castro”.

A pesquisa está contornada, em teoria e método, pela Literatura Comparada, de Tânia Carvalhal (2006), e pela Residualidade literária de Roberto Pontes *apud* Pinilla (2018), e traz como seção principal as análises que nos permitem perceber ou questionar sobre resíduos do imaginário masculino na construção das personagens femininas Das Dores/Saúva, Rosalva e Janete/Giselle de *Histórias do Rio Negro*, de Vera do Val.

1 Vera do Val e as faces de *Lilith* e *Eva* em *Saúva* e *Maria* em “Das Dores”

A personagem Das Dores/Saúva faz parte do conto “Das Dores”, o segundo conto que integra o livro *Histórias do Rio Negro*, assim como as demais personagens analisadas no decorrer do trabalho, carregam consigo os estigmas atribuídos às mulheres dentro de sociedades intrinsecamente patriarcais. Das Dores é uma personalidade polar, ou seja, o dualismo de seu nome (Das Dores/Saúva), corresponde a alternância de identidade, simbolizada pela dualidade dos nomes pelos quais atende durante o tecer da narrativa, na qual *Das Dores* é seu nome de batismo, representando sua essência emocional e vulnerável, aparente quando o gringo Frederico surge nas terras onde se passa a narrativa. *Das Dores* faz oposição a *Saúva*, nome dado ao firmar-se na profissão de prostituta, sendo seu lado devasso que cumpre seu trabalho sem levar em conta a moralidade, que o povoado no qual vivia, emprega. O conto “Das Dores” inicia-se com a seguinte frase “A mulher desceu o barranco bonita como uma aparição” (Do Val, 2007, p, 17), o que entendemos que pode simbolizar o ato de descer às faces femininas de Lilith, Eva e Maria; a queda do homem, neste caso, da mulher que, consciente do pecado, é expulsa do Jardim do Éden (Bíblia Sagrada, Gênesis, 3:23),

tendo como castigo eterno o sofrimento do parto e a subjugação ao parceiro (Bíblia Sagrada, Gênesis, 3:16) no cumprir de tarefas essencialmente servis, como, por exemplo, Saúva descer do barranco para lavar “a roupa do seu homem” (Do Val, 2007, p, 17), simbolizando um ato de submissão da mulher perante o homem. Neste sentido, fazemos nesta seção a análise da personagem relacionando-a às faces de Lilith, de Eva e de Maria.

No conto “Das Dores”, *Saúva* transgredir as normas sociais ao exercer a prostituição de maneira deliberada, tanto por razão de ser uma profissão mal vista, quanto por possuir um companheiro que não se incomoda com a questão, Saúva é uma figura que obedece apenas a seus próprios instintos e vontades, podendo ser vista pela sociedade como uma mulher amoral e imprudente. Diante da complexidade dos estudos possíveis em literatura comparada (Carvalho, 2006), fazemos a análise do mito de Lilith em comparação a narrativa de “Das Dores”, pois dentre as três faces da tríade mitológica judaica-cristã, Lilith é a mais transgressora e demonizada das mulheres. Figura oposta ao significado de seu próprio nome na língua suméria (“alento”, [o sopro divino]), a entidade mitológica da primeira esposa de Adão é associada a um demônio feminino noturno, espécie de súcubos em algumas regiões, vingativo e impiedoso que assassina recém-nascidos e suas mães no período da circuncisão mulçumana (Robles, 2019). A mais antiga concepção feminina do judaísmo pós-bíblico, Lilith não é mencionada nos exemplares conhecidos da Bíblia Cristã como suas conseqüentes em questão. Segundo seu mito, foi criada do barro original assim como Adão e não aceitou a condição de submissão ao homem:

“[...] insuflada com o sopro divino para fundar nossa espécie sem que houvesse aparente superioridade do homem sobre a mulher (...) Porém, assim que os dois se juntaram, começaram a discutir, pois ela se opunha a permanecer por baixo do homem durante o ato da cópula. Aferrada à sua convicção de igualdade, Lilith exigiu de Adão que modificasse sua postura para que ela também desfrutasse o prazer do amor. Indignado, Adão se negou, alegando que era próprio do homem deitar-se sobre a mulher e afirmando que não acederia a seus desejos. Ferida em seu orgulho, Lilith pronunciou o inefável nome de Deus e, enfurecida pela atitude do marido, abandonou-o para sempre” (Robles, 2019. p. 35-36)

Curioso notar que, segundo a própria Bíblia Cristã, Adão foi o primeiro homem da terra, “E formou o SENHOR Deus o homem do pó da terra e soprou em seus narizes o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente” (Bíblia Sagrada, Gênesis, 2:7) no entanto já estabelecia leis como as sociedades patriarcais atuais de conduta da mulher em relação ao homem. Sendo, até então, o primeiro e único homem sobre a terra, Adão afirma ser próprio da natureza masculina dominar a natureza feminina sem justificativa nem comparação com nenhum outro modelo; Lilith, no entanto, por possuir uma intocável noção de igualdade, é contra sua subjugação e prefere a ruptura. Gerações e gerações dominadas por homens depois, a figura de Lilith então foi atrelada ao demoníaco e perigoso, ora sendo um ser banido para as profundezas dos oceanos (Robles, 2019, p. 37), presa como o

próprio Lúcifer para não voltar a danar a vida dos homens e nem corromper a cega obediência das mulheres, ora sendo o mal que permeia a terra dos homens.

O nome de batismo da personagem de Do Val, Das Dores, é descrito no conto por “nome de filha de Deus”, o qual deixou de ser após o início de sua vida como prostituta, denominada por Saúva “filha da puta” (Do Val, 2007, p. 17). Neste ponto observamos vestígios da face de Lilith que, no mito, deixa de ser filha de Deus para tornar-se uma figura demonizada. Ao retornar à origem da personagem Das Dores/Saúva, afirma-se saber somente que a mesma veio de “mata fechada, para além do Urubupitanga, filha de seringueiro perdido e índia cinta-larga.” (Do Val, 2007, p. 18) o que podemos comparar com o Jardim do Éden de onde vieram Lilith e posteriormente Eva, ambas expulsas. No conto “Das Dores”, de Vera Do Val, a personagem Das Dores/Saúva assemelha-se à face de Lilith pela tentação e pela morte de Frederico, rapaz com o qual começa a ter um caso. Consciente da personalidade impiedosa de Chico, a mulher torna-se cada vez mais parcial e indiscreta em seus rompantes (Do Val, 2007, p. 22 e 23), o que estimula o desejo de posse entre os homens e, por fim, a morte de um deles, da mesma forma que “Caim e Abel brigaram pela posse dessa Eva” (Chevalier, 1999. p. 548), no qual o primeiro homicídio é cometido por conta da disputa pela mulher e não pelas ofertas dadas a Deus segundo retrata Gênesis (Bíblia Sagrada, Gênesis, 4: 3-8). Das Dores/Saúva vivia a dualidade das faces sem um lado adentrar no outro, até a chegada do gringo, Frederico, que é descrito como um jovem de pele clara, “diabo louro” (Do Val, 2007. p. 20) e estrangeiro como a serpente que não é natural do Jardim do Éden, mas que é responsável pela grande transformação de pensar da mulher antes imparcial, agora tentada pela paixão como a serpente tenta Eva através do fruto da árvore da ciência do bem e do mal (Bíblia Sagrada, Gênesis, 3: 2-6).

A Teoria da Residualidade Literária e Cultura, de Pontes, a qual implica na ideia de que cultural e literariamente não existe o original, e sim a remanescência de conceitos e identidades que se projetam de um tempo para outro: “o que resta, o que remanesce de um tempo para outro, seja do passado para o presente, seja antecipação do futuro (...) é a contínua transfusão de resíduos” (Pontes, 2017, p. 17), por meio do conceito operacional da *cristalização* que “considera a transformação dos produtos culturais sob o fluir temporal” (Pontes, 2020, p. 15), observa-se, no conto de Vera do Val, resíduos culturais de outra época, cristalizados, ou seja em transformação para “ideais” acerca do comportamento esperado da mulher. Ao buscar estas similaridades entre o mito de Lilith em comparação à trajetória da personagem Das Dores/Saúva, observa-se o perpassar do tempo e a influência na criação de personagens, como as narradas em Vera do Val, por meio do peso depositado pelo cristianismo no imaginário popular sobre a figura feminina, apresenta-lhe como sendo corruptível e destruidora do homem e da sociedade.

Fazendo aqui a analogia da figura de Eva que, contrária à Lilith, tem sua trajetória marcada, no início, por uma imagem de pureza e submissão que posteriormente transforma-se em uma imagem controvertida, segundo Martha Robles (2019, p. 39), entre a debilidade racional e a súbita necessidade de ir contra o Criador e em busca da liberdade, “É Eva também que carrega a peculiaridade de dispor de um caráter pensante que, mesmo predisposto ao emprego de artimanhas e com poder suficiente para escolher por sua própria força moral, desobedece a

ordenação divina e assume o direito de viver entre o bem e o mal”. (Robles, 2019, p. 40).

Face similar à maneira como a personagem Das Dores/Saúva abdicava do moralmente correto ao optar por viver do próprio corpo e sem esconder o prazer. Preceptora dos próprios caminhos, a personagem de Vera Do Val carrega consigo o poder feminino da astúcia, já que “trazia o Chico na ponta dos dedos” (Do Val, 2007, p. 18). No entanto, sua necessidade de liberdade a impele ao direito de viver de acordo com seus próprios termos; assim como Eva opta, com esperança de ser detentora de seus desejos e racionalidade, por ir contra a ordem do Criador (Bíblia Sagrada, Gênesis, 3: 5-6). O mito de Eva, na Bíblia Sagrada, inicia-se retratando a criação da mulher através de uma costela do homem (Bíblia Sagrada, Gênesis 2: 18-25), na qual, inicialmente apenas se refere a ela por “uma mulher”, “sua mulher” e “varoa”. Pelo nome é chamada a companheira de Adão somente no Velho Testamento, especificamente no capítulo 3 de Gênesis (A tentação de Eva e a queda do homem) no qual após a sentença da multiplicação da dor e dominação eterna da mulher pelo homem após a desobediência, Adão chama sua mulher finalmente de Eva “por quanto ela era a mãe de todos os viventes” (Bíblia Sagrada, Gênesis, 3:20). A transgressão feminina representada pela figura de Eva em seu mito é uma das características determinantes, segundo Robles (2019, p. 40), para a aproximação da serpente e a queda do homem, uma vez que “o demônio reconhece na queda da deusa que assume sua humanidade uma característica semelhante à de sua própria condição” (Robles, 2019, p. 40), pois sendo a serpente o anjo que caiu por invejar a onipotência infinita do Criador, Eva por sua vez, também desejou o entendimento divino, superioridade entre o bem e o mal e até mesmo ser como Deus (3:5), assemelhando-se nesse ponto com o mito de Lúcifer (animalizado através da serpente) encarnado pelo mal absoluto, desejoso da corrupção da humanidade, manipula Eva para ser o ponto de ruptura entre Deus e os homens. Desse modo, a figura da mulher tornou-se, no imaginário cultural, sinônimo de pecado, culpa ou desgraça para o homem, o que reflete na trajetória de personagens como Das Dores/Saúva, que, consciente de seu próprio corpo – resíduos da condição de Eva, que, depois de comer do fruto proibido, tem os olhos desvelados percebendo sua nudez –, usa-o de acordo com suas vontades, atraindo Frederico que “prova do fruto” e morre pelas mãos de Chico, assim como a morte dita pelo Criador a Adão caso provasse da árvore da ciência do bem e do mal (Bíblia Sagrada, Gênesis, 2: 16-17).

A similaridade de *mentalidades* (Pinilla, 2020, p. 237 *apud* Pontes; Torres, 2010, p. 245) confere em produções como de Vera do Val o compartilhamento do imaginário coletivo, pois essas figuras mitológicas judaico-cristãs irrompem de seu lugar de origem para serem observadas longinquamente em narrativas amazônicas, assim como em outros textos literários, em que se observa igual mentalidade na estruturação da imagem da mulher, inserida tanto no contexto dos mitos quanto em contos como os de Val.

Pautada na tríade mitológica judaica-cristã, analisamos a figura de Maria em perspectiva a personagem de Das Dores de Vera do Val. A Virgem Maria, para os primeiros cristãos, não era símbolo de veneração, afinal o culto de imagens não estava entre os dogmas da igreja. Aliado a este sistema, o patriarcado sempre vigente na predominância do homem desde os séculos V ou VI, apaga da história a

relevância do papel das mulheres e a simbologia relacionada ao feminino, assim como a imagem de Maria como a Mãe de Jesus:

“[...] o dogmatismo interpôs a Mãe de Deus filho, esposa do Espírito Santo e filha tardia de São Joaquim e Santa Ana, como marco absoluto de graça e pureza perfeitas, ainda que tivesse experimentado em seu mistério sagrado e elevado o dogma de fé a concepção, a gravidez e o parto daquele que seria o Redentor de nossos pecados.” (Robles, 2019, p. 297)

No livro *Mulheres, mitos e deusas*, a imagem de Maria contrapõe-se à seleta população de deusas, ninfas, e sacerdotisas que carregavam em seus mitos sombras de sensualidade (Afrodite/Vênus), paixão (Juno), ciúme (Hera) e obscuridade (Perséfone) relevantes antes do predomínio cristão, rompendo a imagem da mulher e transfigurando-a em figuras servis e pacíficas como a Virgem Maria, Mãe do Deus encarnado homem e símbolo de salvação da humanidade. A imagem delicada de uma jovem moça, segundo Martha Robles (2019, p. 298) como nos é apresentada, contrasta profundamente com a natureza da participação feminina para além da cultura grega e romana das figuras anteriores. Maria sofre a dor do parto para trazer ao mundo o Salvador de todos os males libertados por Eva e atizados por Lilith em sua eterna busca por vingança de seu esquecimento e inferiorização feminina, observa-se o perpassar da personagem Das Dores/Saúva, pelas faces de revolta e demonização de Lilith, corrupção e castigo de Eva até o martírio e purificação de Maria.

Pode-se traçar um paralelo no sofrimento de ambas: Das Dores, pelo assassinato do amante; e Maria, pelo martírio durante a tortura e morte de seu filho - “E junto a cruz de Jesus estavam sua mãe. Ora, Jesus, vendo ali *sua* mãe: Mulher, eis aí o teu filho. Depois, disse ao discípulo: Eis aí tua mãe” (Bíblia Sagrada, João 19: 25-27). A personagem Das Dores assume a face de mais vulnerável da tríade também ao deparar-se com o rapaz ferido e, em sua perspectiva da narrativa, vislumbrar que o “sol parou e derramou vermelho no mundo” (DO VAL, 2007, p. 24), texto semelhante ao livro de Mateus (Bíblia Sagrada, Mateus, 27: 45, 51): “E houve trevas sobre a terra, do meio-dia às três da tarde [...] A terra tremeu, e as rochas se partiram”, descrição do momento da morte de Jesus, na qual Maria estava presente ao pé da cruz.

Entendendo “a *ação de hibridar*, isto é, de compor-se o produto cultural ou literário, de elementos vários, com origem e natureza diversas” (Pontes, 2020, p. 22), por *hibridação cultural*, observamos o cruzamento de culturas distantes, ao comparar a similaridade do texto bíblico, da morte de Jesus, e ao trecho da morte de Frederico, bem como o modo como Das Dores e Maria comportam-se na narrativa. Segundo Pinilla (2020, p. 238 *apud* Pontes, 2006a, p. 01) a *hibridação cultural* resulta do intercâmbio ideológico e cultural que, por meio de substratos, reconstrói, neste trabalho, a imagem da mulher vista por uma perspectiva bíblica em uma obra contemporânea e amazônica de uma personagem ribeirinha.

2 Vera do Val e as faces de *Lilith*, *Eva* e *Maria* em “*Rosalva*”

A personagem que dá nome ao conto é Rosalva, nome que sugere pureza. Recorrendo a Chevalier (1999, p. 788), subdividindo o nome, temos em *rosa* “que o simbolismo floral é o da manifestação, oriunda das águas primordiais, sobre as quais se eleva e desabrocha”. De *rosa*, portanto, tem-se o símbolo da pureza, da efemeridade da beleza (da mulher) e as relações sinestésicas. De “*alva*”, temos a cor branca, o que reforça no nome Rosalva (*rosa + alva*) a condição de pureza. No conto “*Rosalva*”, de Vera do Val, ao aparecer na vila ainda menina, Rosalva surge abaixo da nascente do rio, “no tempo das águas” (Do Val, 2007, p. 11). Sua relação com o rio e a água eram fontes da sua misticidade. Assim aparece o número sete pela primeira vez no conto: “ainda não tinha sete anos” (Do Val, 2007, p. 11) quando a menina apareceu na porta de Inana. O número sete corresponde aos sete dias da semana, aos sete planetas, às sete esferas celestiais e, novamente, às sete pétalas da rosa que evocaria os sete céus e as sete hierarquias angelicais, de acordo com *Dicionário de Símbolos* (Chevalier, 1999, p. 826), e mais, de acordo com a *Bíblia Sagrada*, Deus criou os céus e a terra em sete dias (Bíblia Sagrada, Gênesis, 2: 1-3) representando a perfeição divina, no entanto a personagem Rosalva tinha *quase* sete anos, ou seja, era *quase* perfeita, vagando entre o seis e o sete. No sexto dia, no livro de Gênesis, foram criados todos os seres vivos dos céus, terra e água, entre eles o ser humano que dominaria todas as demais espécies (Bíblia Sagrada, Gênesis 1: 24-31).

Além do nome se referir à rosa branca, a menina exalava um cheiro de flor místico capaz de impregnar todo o ambiente, “parecia que um anjo estava passando por perto” (Do Val, 2007, p. 11), possui traços infantis, por conta de sua baixa estatura, olhos grandes e cabelos esverdeados. Nesta perspectiva, cabe relacioná-la à figura mítica da Iara, a sereia amazônica, criatura cujos cabelos de cor fora do comum em alguns folclores, é descrita de maneira antropozoomórfica para atribuir à imagem da mulher sedutora ao pecado e ao conseqüente castigo (Freitas; Nascimento, 2017, p. 02); é a ninfa que vive na beira da água e é demonizada pelo cristianismo por conta de sua sexualidade aparente, como a imagem da sereia descrita metade mulher e metade animal “na parte superior do corpo, o prazer das diversas expressões de feminilidade, mas, abaixo da cintura, é a imagem da luxúria e da bestialidade.” (Freitas; Nascimento, 2017, p. 02 *apud* *Grandes Enigmas da Humanidade*, vol. 2, 2009). Rosalva, no entanto, não possuía a qualidade antropozoomórfica aparente, uma vez que fisicamente era igual a qualquer outra mulher. A qualidade mística então advinha de seus misteriosos talentos curandeiros. Após o descobrimento do seu dom por meio do cheiro que Rosalva exalava, capaz de curar dores e doenças “Quando ela chegava perto, a coisa era milagrosa” (Do Val, 2007, p. 11). A imagem da moça remete, neste sentido, à santidade da Virgem Maria, mulher digna de gerar o Messias esperado durante todo o Velho Testamento. Rosalva, personagem do conto de Vera do Val, possuía tanto a face santa quanto a humana feminina que “envolvia de mansinho as pessoas e toda a dor ia se desvanecendo” (Do Val, 2007, p. 12), utilizando sua capacidade para transformar estados físicos (doenças) e também pessoas, através do poder da cura.

Dentre as orações ofertadas à imagem da Virgem Maria, destaca-se em *Salve Rainha* o trecho: “Rogai por nós, Santa Mãe de Deus”; e *Santa Maria* “Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós, pecadores”; as quais são retomadas no conto de Do

Val, no qual “Ela atendia a todos com uma paciência infinita; não havia aflito que não deixasse ali sua mazela e saísse a bendizê-la e a louvá-la.” (Do Val, 2007, p. 12) como uma figura divina, a qual se destina orações e saudações honrosas de santa, o que fazia de Rosalva, “bendita entre as mulheres...”. Embora, no presente estudo, tenhamos escolhido a análise a partir da herança judaico-cristã, reconhecemos que Rosalva é a mulher curandeira, aquela que dialoga/tem acesso às divindades, é portanto personagem comum à cosmogonia indígena, ribeirinha e afro-brasileira.

No panorama em que se situa o conto de Do Val, o rio é uma espécie de deus, entidade superior, que age na vida e na morte das pessoas que ali vivem: “o povo se acostumara com o ir e vir dos viventes, o rio trazia e levava, alimentava e matava quando queria” (Do Val, 2007, p. 12). Ao retornar à *Introdução* do livro, na qual a autora atribui ao rio todo o poder, seja as praias e a força de suas marés, até a fertilidade da flora e fauna, incluindo as moças. O rio é “pai e mãe de botos e iaras e de curuminhas perdidas” (Do Val, 2007, p. 08). Nesta perspectiva, o rio Negro remonta ao Deus Cristão, criador do homem e dos animais, detentor da vida e da morte, assim como Senhor do Éden perdido que é toda floresta que o Rio nutre, ao mesmo tempo que está presente na cosmogonia indígena e ribeirinha. Rosalva se aproxima da face de Eva e de Maria por serem ambas criações, inclinadas às vontades de seu criador, o paralelo é compreendido também pelos traços opostos na aparência da curuminha com corpo tomando carnes e formas enquanto a fisionomia destoava por conta do rosto desconfiado, até casmurro (Do Val, 2007). Apesar do comportamento taciturno, Rosalva cultivava a paciência e empatia em sua essência, trazendo a cura para aqueles que a procuravam naquelas “terras esquecidas de Deus” como descreve Do Val (2007, p. 12); novamente se traça um paralelo com o Cristianismo e a queda do homem, cujo pecado mortal resultou na expulsão dos primeiros humanos. O jardim do Éden, local de criação do homem e lar construído para ele (Bíblia Sagrada, Gênesis, 2: 8-9), além de todas as perdas de Adão e Eva, foi também mais uma das dádivas tiradas do homem. No conto, Vera do Val descreve o lugar por “terras esquecidas de Deus, onde a dor e o conformar eram o pão cotidiano” (2007, p. 12), em comparação ao mito de Eva, após comerem o fruto proibido, o Senhor condenou-os a comer com suor, o pão que lhes foi dado todos os dias (Bíblia Sagrada, Gênesis, 3: 19), metáfora ao sofrimento da humanidade pela miséria e desfortuno que perpassa por toda e qualquer região em que a raça humana criar raízes, inclusive nas florestas tropicais Amazônicas em que se passa o conto de Do Val.

O rio era fonte de seu poder, após tantas curas, a moça se reestabelecia no contato com as águas “Era quando seus cabelos se tornavam mais verdes e o perfume mais forte” (Do Val, 2007, p. 13), em uma comunhão quase religiosa com a água que lhe fortalecia os dons, no entanto, a relação com o grande Negro, era mais do que entre criador e criatura. O rio também era o amante que “lhe lambia as partes, carícia doce dos dedos d’água (...) no vai-e-vem do Negro” em uma relação carnal, “Ela arengava baixinho um pequeno gemido” (Do Val, 2007, p. 13), a menina revela sua face luxuriosa que se entrega às águas como uma mulher se entrega ao seu amante “sinuoso” como o rio e ardiloso como a natureza masculina. A relação incestuosa, de acordo com as leis humanas sociais, transmuta o certo e o errado, o horroroso e o belo; Rosalva, sendo uma parte do Rio, seu pai/seu amante, conectavam-se em uma união incompreensível para aqueles que observam com

lentes reais algo anterior a tudo que é conhecido, às convenções morais; porém primitivo e necessário para o equilíbrio natural.

No entanto, mais uma vez surge a imagem do pecado encarnado, quando na vila aparece um rapaz cujo nome é Gerônimo, descrito como um homem robusto e de grande estatura, “um latagão” que vinha de um sítio “perdido no verde e na história das gentes” (Do Val, 2007, p. 13), ou seja, a serpente que habitava o jardim verde do Éden e esquecida como anjo caído (Bíblia Sagrada, Gênesis, 3: 1), seu nome (Gerônimo) significa “sábio; velho”, antigo e astuto como o próprio Lúcifer, o anjo mais belo do Senhor. Após a aparição do homem, Inana, a velha que criou a moça, morre de picada de caranguejeira. Curioso notar que o aracnídeo não possui veneno o suficiente para matar humanos, então pode-se associar a morte de Inana à chegada do rapaz que rompe sua fertilidade e ligação com Rosalva, uma vez que Inana também é o nome de uma “deusa sumério/babilônica *Inanna/Ishtar*” que é conhecida por ser “a deusa do sexo e do amor, estando a ela associados também elementos relacionados à fertilidade, à prostituição e às batalhas, sendo conhecida também sob os epítetos de Deusa do Amor, *Estrela da Manhã* e *Estrela da Tarde*” (Dupla, 2012, p. 194) na cultura mesopotâmica. Nem Rosalva com seu perfume milagroso foi capaz de salvar a mulher, pois seus sentimentos não eram mais direcionados somente ao Rio, seu amante e fonte de seu dom, mas a Gerônimo, portanto seu espírito não era mais puro “acabou por levá-la desprevenida para a rede e da donzelice só restou saudade” (Do Val, 2007, p. 14). Assim com Eva, Rosalva partiu com o homem “resolveu levá-la consigo de volta para o Bem Querido” (Do Val, 2007, p. 14), como Adão levou consigo Eva para longe do Jardim do Éden (Gênesis, 3: 22-24), contudo em uma releitura acrônica, Rosalva julgava que sua partida seria justamente “à procura do paraíso” (Do Val, 2007, p. 14). A face de Eva então se transparece mais comumente à Rosalva que, ao procurar o que achava não possuir como Eva desejava possuir o entendimento sobre o bem e o mal (Bíblia Sagrada, Gênesis, 3: 6), encontra tristeza e saudade, uma vez que Gerônimo, que evoca o estereótipo ora de Adão ora da Serpente, são incapazes de oferecer a completude dada ao Rio a Rosalva e a proteção dada pelo Criador a Eva.

Afastada da água, fonte de seus milagres, “o cheiro sumira, os cabelos perderam o verde” (Do Val, 2007, p. 14), junto de todas as dádivas advindas do grande Negro, o pecado finalmente tomava conta daquele ser místico e distinto de todos os outros, tornando-se “humana”. Posteriormente, a face de Lilith também é observada em sua infertilidade, “Parecia que ela tinha as entranhas secas” (Do Val, 2007, p. 14), refletindo a desconsagração de Lilith em nunca ser a mulher que gera vida humana, em outras alterações do mito, sendo capaz de gerar apenas seres inferiores e demoníacos (Sicuteri, 1985, p. 15). Novamente o Rio como àquele capaz de tomar e dar vida, negar à Rosalva a capacidade de procriar, “Filho, Deus não mandava” (Do Val, 2007, p. 14), o campo fértil que tanto procurou foi negado no ventre e no lar, cumprindo-se as palavras do Criador “o SENHOR Deus, pois, o lançou fora do jardim do Éden, para lavrar a terra, de que fora tomado” (Gênesis, 3: 23).

3 Vera do Val e as faces de *Lilith*, *Eva* e *Maria* em “*Giselle*”

A personagem Giselle chama-se Janete, mas opta pelo nome de Giselle pois “Ora se Janete é nome de gente bem... Claro que não. Tu precisas é de um nome fino, sofisticado. Com dois eles...” (Do Val, 2007, p. 36). A moça se vale deste alter ego de mulher fatal para atrair o melhor pretendente, afinal, segundo sua mãe “De bens no mundo ela só tinha a filha, e pelo que estava vendo era um bem que lhe podia render bons frutos” (Do Val, 2007, p. 35). Ao contrário da casmurrice de Rosalva, a personagem anteriormente analisada, Giselle possuía os atrativos esperados de todas as mulheres, tanto de corpo “era uma mulher cheia de carnes”, quanto de simpatia “Sua risada não se esquecia. [...] Quando espoucava, o sujeito que ouvisse acabava por rir também. Contagiava. Toda ela era assim. Um manancial.” (Do Val, 2007, p. 33), no sentido de advir de suas profundezas místicas que envolvem o elemento água, o manancial de Giselle, ou seja, a fonte da sua essência alegre e jovial, “da fonte de água pura é expresso principalmente pelo manancial que brota no meio de um jardim, ao pé da árvore da vida [...] fonte da vida, ou da imortalidade, ou da juventude, ou ainda fonte do ensinamento.” (Chevalier, 1999, 444). A personalidade podia também ser posta em paralelo com a água, o elemento místico do qual advém a força e feminilidade de todas as mulheres de Vera do Val; a água, de acordo com o Jean Chevalier, é subsídio de purificação, regenerescência e fonte de vida (Chevalier, 1999, p. 15) de ribeirinhas como Giselle/Janete, criadas na beira do rio, afinal “o Negro corre nas veias das mulheres das ribeirinhas. Dirige suas vidas” (Leão, Allison, 2017, p. 178-179).

Sua mãe, Orozimba, “parteira de mão cheia” (Do Val, 2007, p. 34), cuja profissão é trazer ao mundo a vida, tarefa em consonância ao castigo de Eva, “a mãe de todos os viventes” (Gênesis, 3: 20), conserva consigo o atributo primordial da mulher: “Multiplicarei grandemente o seu sofrimento na gravidez; com sofrimento você dará à luz filhos” (Gênesis, 3: 16), portanto reverberado em gerações e gerações de mulheres até Giselle. Dos muitos papéis da mulher, além do “trazer ao mundo”, é ensinado *ser mulher* “Fica de olho, filha, esperta e escuta” (Do Val, 2007, p. 34), no sentido de estar sempre em alerta, afinal à mulher é atribuída também a responsabilidade de uma sabedoria vivaz e articuladora (talvez uma soma da personalidade das três figuras judaico-cristãs com as quais fazemos analogia), sempre à espreita e pronta para uma defesa inteligente que não confira riscos e nem possua a braveza masculina, mas que seja envolvente e manipuladora de tal forma a não romper com a imagem estereotipada ao feminino, de acordo com Roberto Sicuteri, “Eva é a materialização de um sonho” (1985, p. 15), ou seja, a idealização do que deve ser a mulher, em contraponto à Lilith que segundo a versão jeovística, possui características animalizadas assim como Adão, “Não havia disparidade entre os dois sexos. Eles eram informes” (Sicuteri, 1985, p. 15), porém apesar de igual, é repudiada por Adão, pois, como uma fêmea, Adão havia a visto cheia de sangue e saliva durante o ciclo menstrual:

“A saliva é um componente claramente sexual possivelmente reconduzível, por via psicanalítica, à secreção erótica ou ao transvasamento mágico da saliva no beijo profundo. Sangue e saliva pertencem à mulher da primeira vez. Adão se afasta desgostoso, isto é, amedrontado — como veremos mais à frente — com a realidade da primeira companheira. Tanto que Deus teve que fazê-la uma segunda vez, e esta foi Eva.” (Sicuteri, 1985, p. 15)

No conto de Do Val, no entanto, Giselle também desfruta da face livre e indomada de Lilith “Quando se pensava que ela estava aqui no arear das panelas, ela já estava no portão arengando com o menino da venda”; espírito indomado este que, quando deparado ao espírito da mulher na qual a subjugação externa logo tornou-se interna, provoca o medo de ceder e tornar ao profano e selvagem de Lilith no feminino “Deus então criou Lilith, a primeira mulher, assim como havia criado Adão, mas usando fezes e imundície ao invés de pó puro” (Sicuteri, 1985, p. 15 *apud* Graves, R., 1977, p. 28), na tentativa de supor que o Criador destinava a criatura feminina para ser inferior à criatura masculina (Sicuteri, 1985, p. 15). A crença da desvantagem da mulher perante o homem é *resíduo, sedimentos* de ideias e mentalidades que *remanescem* de uma cultura para outra (Silva, 2015, p. 147), principalmente em sociedades que o cristianismo bíblico se destaca nos dogmas religiosos que guiam o consciente do indivíduo.

O reflexo de figuras rebeldes como naturalmente Lilith e posteriormente Eva, causa no feminino o medo da identificação de um instinto há muito reprimido, natural desde a infância e juventude, no entanto ensinado a ser negado pelo pai (figura do homem) e pela mãe (subjugada ao patriarcado) que também é ensinada a se negar, “a patroa casmurrenta, não dada a esses desfrutes. Em parte por inveja, em parte por assanhamento mesmo” (Do Val, 2007, p. 34). Em inúmeras culturas da mundo a imagem da mulher obtém qualidades semelhantes tanto no sentido de exaltação sagrada da vida humana quanto culpada pela mazelas do mundo, a *mentalidade* residual, semelhante entre os povos, em hibridação de culturas, pois “as culturas não andam cada qual por um caminho, sem contato com as outras. São rumos convergentes. São caminhos que se encontram, se fecundam, se multiplicam, proliferam” (Moreira, 2022, p. 89-90 *apud* Pontes, 2006), de forma a *cristalizar* na figura feminina resíduos de outras épocas distantes na construção do imaginário contemporâneo.

A personagem Janete/Giselle incumbe a presente análise um retrato de violência inédito até então, no entanto indissociáveis da vida comum da mulher “Quando estava pelos seus treze anos, conheceu homem”, foi apresentada ao lado carnal de cada mulher, proibido, porém sumariamente aceso em estado precoce pelo seu eterno algoz, “foi seu Anésio, o do bar da esquina quem abusou da menina. E ela gostou. Em troca de um guaraná gelado, meia dúzia de balas de goma, ele fazia a festa” (Do Val, 2007, p. 34). A necessidade de indolência em ser mulher, permitia que Janete/Giselle fosse iniciada em um caminho de prostituição no qual o básico lhe era oferecido como o suficiente, em troca da inocência pela sexualidade anormal, uma vez que o corpo da vítima aceita o abuso e passa a reproduzir em outras relações a mesma troca “Quando o tempo foi passando e ela se aperfeiçoando na aprendizagem, começou então a entender o seu poder. Era ambiciosa. Viu que no meio das pernas estava o seu futuro” (Do Val, 2007, p. 35), no seu manancial, de forma a usar a sexualidade para adquirir seus desejos, no relato da Queda (Bíblia Sagrada, Gênesis, 3: 1-24), para Sicuteri (1985, p. 16), nada mais é do que a representação sexual, bestializada e capaz de fazer Adão perder a razão, “primeira experiência do orgasmo sexual em nível natural que teria desencadeado uma insuportável angústia no homem” e com isso seu afastamento da Divindade (Sicuteri, 1985, p. 16).

De todas as personagens ribeirinhas aqui analisadas, Janete/Giselle se mostra a mais voltada aos desejos materiais, confundindo dogmáticas da igreja com a vida mundana “foi ir fazer uma novena para o santo dos impossíveis. Janete se emperiquitou e abriu para a igreja. (...) também levou uma farofa bem temperada na bolsa, vai que o santo é disso, nunca se sabe.” (Do Val, 2007, p. 35). Neste trecho temos a personagem disposta a tudo, recorrendo a ritos de crenças distintas, uma vez que a oferenda mi-ami-ami é feita a Orixás de matrizes africanas, pois a farofa é uma comida de ritual sagrado para o povo da cultura Nagô-Vodum. Janete/Giselle além de se utilizar de chantagens, ameaça o santo de “passar uns tempos de cabeça para baixo” (Do Val, 2007, p. 35), flertando com o desrespeito a símbolos religiosos e a crença de que o homem possui poder acima de entidades espirituais. O que nos leva à face do mito de Lilith, Sicuteri (1985, p. 16) quando retoma Graves, R. (1977, p. 28): “Da união de Adão com este demônio (isto é, Lilith) e com outro chamado Naamah, irmã de Tubal Cain, nasceram Asmodeo e inumeráveis demônios que ainda martirizam a humanidade.”

Comparada a imagem de um demônio e não mais a imagem do divino criado por Deus, Lilith concebe criaturas do submundo, corrompendo o sentido natural ordenado pelo Criador e mostrando-se um ser mais poderoso que Eva, a segunda criação que “exprime a aceitação da imagem ‘boa’ [...] agradável ao Pai e à Lei” (Sicuteri, 1985, p. 17) por isso inferior, em comparação à primeira, Lilith, possuidora do conhecimento carnal, consonante ao valor de Adão, porém “inexoravelmente fonte de pecado”, por isso censurada e removida (Sicuteri, 1985, p. 17).

Posteriormente, quando Janete/Giselle, na narrativa de Vera do Val, identifica o alvo perfeito, o Doutor Raimundo, homem tristonho e de meia idade em um casamento infeliz, o conto conduz a figura masculina a um papel inverso de vulnerabilidade “Doutor Raimundo é um santo...” (Do Val, 2007, p. 36), enquanto a mulher assume o estereótipo de manipuladora “Ele ficava abestado, sem ar, e ela meneava o corpo. [...] O pobre não teve chance de escapar. Ela foi chegando mansinha, cara de menina safada” (Do Val, 2007, p. 37), em contrapartida à face de Eva, a personagem de Giselle leva o homem a fazer o que desejar, assim como Eva leva Adão à corrupção “tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela” (Bíblia Sagrada, Gênesis, 3: 6).

Considerações Finais

A proposta de estudo sobre os contos de Vera do Val em relação com as faces femininas na cultura judaico-cristã, atende aos pressupostos da Literatura comparada a qual:

[...] ambiciona um alcance ainda maior, que o de contribuir para a elucidação de questões literárias que exijam perspectivas amplas. Assim, a investigação de um mesmo problema em diferentes contextos literários permite que se ampliem os horizontes do conhecimento estático ao mesmo tempo que, pela análise contrastiva, favorece a visão crítica das literaturas nacionais. (Carvalho, 2006, p. 86).

E atendeu aos estudos residualistas ao reconhecer questões culturais e literárias que permanecem vigentes na escrita de Vera do Val, a qual atravessa o imaginário amazônico em sua construção greco-romana, judaico-cristã, afro-brasileira, indígena, ribeirinha, em resíduos que resistem, bem ou mal, ao tempo e ao espaço.

A pesquisa aconteceu com leituras e estudos de livros, trabalhos acadêmicos e artigos que permitiram observar que a personagem Das Dores/Saúva assume, durante a narrativa, duas faces opostas de conduta: na 1ª face, responderia por Das Dores, pelas manhãs (Do Val, 2007, p. 19) sendo servil e submissa, cuidaria do seu homem, aceitando sua condição de mulher doméstica (Eva após o pecado e Maria, sua conseguinte); e, na 2ª face, responderia por Saúva, utilizando seu corpo como objeto de prazer tanto para os outros quanto para a mesma “gostava do cheiro da casa e da putaria” (Do Val, 2007, p. 18), face dominadora e despudorada de Lilith. Faces/comportamentos presentes no feminino que, ao mesmo tempo, são o sagrado por ser a genitora do homem, criadora da vida em seu ventre como Deus criou o homem do barro; da mesma forma é passível da corrupção, desobediência e da profanação do equilíbrio a sua volta. No conto seguinte de Vera do Val, Rosalva personifica a imagem da mulher como entidade de pureza e misticismo, ligada intrinsecamente ao rio Negro de onde advém sua fonte de suas curas “Quando ela chegava perto, a coisa era milagrosa” (Do Val, 2007, p. 11), porém passível de rompimento com seu Criador, no qual resplandece a trindade das faces mitológicas, perpassando pela santificação, obediência e rompimento que classificam a imagem mental que é tida de toda mulher. Para resultados finais, analisamos a personagem Janete/Giselle de *Histórias do Rio Negro*, caracterização mais humanizada dentre as três personagens, na qual os desejos mundanos de luxúria e bens materiais encontram-se com maior rigor, retratando o abuso como fonte para busca de segurança financeira e valorização feminina: “Era ambiciosa. Viu que no meio das pernas estava o seu futuro” (Do Val, 2007, p. 35).

A presente pesquisa visou, em trabalho integral, fazer estudos comparativos residuais das figuras mitológicas de Lilith, Eva e Maria em contraponto a três contos do livro *Histórias do Rio Negro* de Vera do Val: Saúva/Das Dores; Rosalva e Janete/Giselle. Apresentando a disparidade e semelhança entre as personagens femininas em consonância com tríade mitológicas judaico-cristãs, através da Teoria Residual e da Literatura Comparada.

Referências

BÍBLIA SAGRADA. Trad. em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. 4. ed. Barueri, Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

BRUNEL, P. *Dicionário de mitos literários*. Trad. Carlos Sussekind... [et al.]. Pref. à edição brasileira de Nicolau Sevckenko. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

- BULFINCH, Thomas. *O Livro de Ouro da Mitologia: História de Deuses e Heróis*. Trad. De Luciano Alves Meira. ed. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- CARDOSO, Ana Maria Leal. Deusas, bruxas e serpentes: as faces do feminino na ficção de Alina Paim. *Anais do SILEL*, Volume 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- CAVALHEIRO, Juciane;. DE LIMA, Rebeca Soares. Variável Constante: Entre as Águas dos Rios e as do Rio Negro ou a Sexualidade Verificável nos Contos de Vera do Val. *Scripta Alumni*, Curitiba, n. 14, 2015. INSS: 1984-6614
- CARVALHAL, T. F. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática. Série Princípios, 2006.
- CHEVALIER, Jean. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 14. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
- CONCEIÇÃO, Márcio Fernandes. *A vida cabocla ribeirinha em Histórias do Rio Negro, de Vera do Val* (dissertação de mestrado). UFAM, Manaus, 2021.
- DOS SANTOS, Jandir Silva. A violência sexual como resíduo greco-romano no imaginário ficcional de Vera do Val. In: XVI CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC, 2018. *Anais...* Uberlândia: ABRALIC, 2018. p. 1883-1894.
- DUPLA, Simone Aparecida. “Os Domínios de Inanna: permanências de um culto ao sagrado feminino na mesopotâmia”. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 57, p. 193-212, jul.-dez. 2012.
- FREITAS, Rossemberg da Silva; NASCIMENTO, Cássia Maria Bezerra. “A Face de Lilith em Inês de Castro”. *Revista Decifrar*, Manaus, v. 03, n. 5, jan-jun, 2015.
- FREITAS, Rossemberg da Silva; NASCIMENTO, Cássia Maria Bezerra. “Iara: mito e literatura”. In: 69ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 2017. *Anais...* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2017.
- HACQUARD, Georges. *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Trad. de Maria Helena Trindade Lopes. Lisboa: Rio Tinto, 1996.
- JESUS, Ester Zuzo. “O Possível Entrelaçar do Eterno Mito Feminino: Eva e Lilith em Pandora”. *Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação*, [S.l.], v. 3, n. 2, dez. 2009 – fev. 2010. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/anagrama/issue/view/513>. Acesso em 10 jun. 2015.
- KURY, Mário da Gama. *Dicionário de mitologia grega e romana*. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- LEÃO, Allison. Vera do Val. *ContraCorrente: Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas*, [S.l.], n. 3, p. 177-181, maio 2017. ISSN 2525-4529. Disponível em: <http://periodicos.uea.edu.br/index.php/contracorrente/article/view/502>. Acesso em: 19 jul. 2023.
- LIMA, Francisco Wellington Rodrigues et al. (org.). *Matizes de Sempre-viva: residualidade, literatura e cultura*. Macapá: UNIFAP, 2020.
- MOREIRA, Rubenita Alves. *Escritos residuais: textos baseados na teoria da residualidade de Roberto Pontes*. Fortaleza: Impreco, 2022.

PINILLA, Ingrid Karina Morales. Residualidade Literária e Cultura. In: Nascimento, C. M. B. (org.). *Metodologia da pesquisa em estudos literários*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2018.

PONTES, Roberto; MARTINS, Elizabeth Dias (org.). *Residualidade ao alcance de todos*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015.

PONTES, Roberto; MARTINS, Elizabeth Dias; CERQUEIRA, Leonildo; NASCIEMNTO, Cássia Maria Bezerra do (org.). *Residualidade e intertemporalidade*. Curitiba: CRV, 2017.

PONTES, Roberto; MARTINS, Elizabeth Dias; LEAL, Tito Barros; NASCIMENTO, Mary; CRAVEIRO, William (org.). *Todas as idades são contemporâneas: estudos de residualidade literária e cultural*. Macapá : UNIFAP, 2019.

ROBLES, Martha. *Mulheres, mitos e deusas*. 3. ed. São Paulo: Aleph, 2019.

SICUTERI, Roberto. *Lilith: A lua negra*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1985.

VILLAR, Fabíolla Emanuelle Silva. *A Microfísica das Relações Familiares: Infância, Mulher e Família nos Contos de Vera do Val* (tese de Doutorado) – UFAM, Manaus, 2021.

VAL, Vera do. *Histórias do Rio Negro*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

Para citar este artigo

MARTINS, Flávia Tôrres; NASCIMENTO, Cássia Maria Bezerra do. As figuras mitológicas judaico-cristãs de Lilith, de Eva e de Maria nas Histórias do Rio Negro, de Vera do Val. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 13, n. 1, p. 296-311, jan.-abr. 2024.

Autoria

Flávia Tôrres Martins é graduanda em Letras – Língua e Literatura Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: flavia.martins9237@gmail.com; ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0004-7991-141X>.

Cássia Maria Bezerra do Nascimento é professora da graduação e da pós-graduação em Letras (PPGL) da Faculdade de Letras (FLet) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Graduada em Letras (UECE), Mestre em Letras (UFC), Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia (UFAM), pós-doutoramento em Literatura (UFPB). E-mail: cassiambnascimento@ufam.edu.br; ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-7197-5898>.